

Wagner Xavier de Camargo
Universidade Federal de Santa Catarina

Carmen Silvia Moraes Rial
Universidade Federal de Santa Catarina

Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global?

Resumo: Os guetos são espaços circunscritos e marginais nos quais, ao longo da história, minorias religiosas, sociais, étnicas e sexuais foram encapsuladas e segregadas. Atravessados por fluxos e tensões em movimento do global landscape, tais territórios devem ser revisitados sob a ótica da globalização. Com o propósito de analisar territorialidades marginais de gênero atreladas a eventos esportivos LGBT, este artigo buscou ressemantizar o conceito de gueto da "Escola de Chicago" e repensá-lo segundo novas perspectivas analíticas, aplicadas a duas competições esportivas mundiais (Gay Games e World OutGames) voltadas para o público LGBT. Percebeu-se que a ocorrência dessas competições e as expectativas em torno de "capitais ejaculantes" de corpos, sexos, desejos e sexualidades vinculados ao esporte abrem a perspectiva de que tais torneios performtizem "guetos sexualizados", isto é, espaços territorializados de práticas itinerantes de desejos, na lógica de uma circulação em escala global, de corpos e de capital.

Palavras-chave: guetos sexualizados; competições esportivas LGBT; globalização; circulação de desejos.

Copyright © 2011 by Revista
Estudos Feministas.

Introdução

"And we have formed a ghetto, out of self-protection. It is a ghetto rather than a free territory because it is still theirs. Straight cops patrol us, straight legislators govern us. Straight employers keep us in line, straight money exploit us. We have pretended everything is ok, because we haven't been able to see how to change it – we've been afraid"

A Gay Manifesto (1969-1970), de Carl Wittman
citado por Blasius e Phelan, 1995, p. 380.

"It's so full of Negroes, I feel like got protection. – From what? – From white folks, said simple. I like Harlem because it belongs to me. [...] you say the houses ain't mine. Well, the sidewalk is – and don't you push me off. The cops don't even say 'move on', hardly no more. They learned something from them Harlem riots. [...] Here I ain't scared to vote – that's another thing I like about Harlem. [...] Folks is friendly in Harlem. I feel like I got the world in a jug and the stopper in my hand! So drink a toast to Harlem!"

Simple Stakes a Claim (1957), de James Hughes
citado por Loïc Wacquant, 2008, p. 83.

Os guetos são antigos e se tornaram famosos no século XX, a partir do confinamento de grupos de indivíduos e do Holocausto, protagonizados principalmente pelos nazistas, durante a 2ª Guerra Mundial. Guetos são espaços ou estreitos territórios circunscritos e demarcados, geralmente periféricos e marginais, em que foram encapsuladas e segregadas dadas minorias (étnico-raciais, sexuais, religiosas e/ou sociais).¹ As epígrafes anteriores tematizam a versão americana do *ghetto* e evocam sentimentos ambíguos em relação a ele. O *Manifesto Gay* traz tais ambiguidades em suas postulações: de potencial espaço de (auto)proteção *de/entre* "iguais" ao jugo disciplinar de uma sociedade vigilante (composta de policiais, empregadores e legisladores), esmagadoramente heterossexual, que, no limite, engendra um incômodo – o medo (da homofobia). James Hughes² exalta a existência do gueto negro no Harlem, composto de segurança, ambiente de reciprocidade étnica, amizade e livre circulação. Propõe um brinde ao Harlem, pois, afinal, o bairro a ele pertence. Mesmo sendo mote comum às epígrafes, a referência ao gueto é distinta: ao passo que no *Manifesto Gay* há a constituição de um território que se configura "contra" uma ordem sexual heteronormativa hegemônica (considerada por alguns como "hostil"), a ode de Hughes ao Harlem é de outra natureza, é a exaltação de uma zona específica (negra) de conformação étnico-racial.

Num prazo muito curto de algumas décadas após o conflito mundial, em crescente tendência de compressão espaço-temporal na lógica da economia política capitalista,³ o redimensionamento do entendimento sobre os espaços, sob a ótica da globalização, conduz a supostas novas considerações sobre o gueto. Inevitavelmente, tal território é afetado por transformações profundas: 1) a fixidez territorial tradicional é posta em perspectiva, ou seja, hoje não existiriam mais guetos "oficiais" como os que existiram na Polônia durante a 2ª Guerra Mundial, ou não se encontrariam mais localidades específicas de grupos étnico-

¹ Como conceito, o "gueto" aparece nas discussões sociológicas da "Escola de Chicago" entre os anos de 1920 e 1930. Voltaremos a isso adiante.

² Poeta negro norte-americano que viveu na primeira metade do século XX, foi defensor ferrenho do bairro Harlem e considerado por seus biógrafos no pós-morte como um escritor homossexual devido às referências textuais em seus escritos (Loïc WACQUANT, 2008).

³ David HARVEY, 2003.

⁴ Sujeitos-atletas gays, lésbicos, bissexuais e transgêneros. Apesar de ser invisibilizadora de outras "identidades", como travestis, transexuais, intersexuais, *cross-dresses* e *queers*, adotamos tal sigla em todo o texto pela simplificação do termo, mas entendemos a problemática endereçada por Regina FACCHINI, 2005, acerca da "sopa de letrinhas".

⁵ Partindo do conceito de sistema futebolístico (Carmen Silvia de Moraes RIAL, 2008), chamamos de sistema esportivo a reunião de diversos campos – conforme conceito definido por Pierre Bourdieu (1998) – no âmbito do esporte: o campo esportivo propriamente dito (federações, clubes etc.), o campo midiático, o campo econômico, o campo político, entre outros.

⁶ A pesquisa de doutorado que originou este artigo é de Wagner Xavier de Camargo, que desenvolveu etnografia em quatro torneios esportivos: os VII Gay Games (Chicago 2006), os World OutGames II (Copenhague 2009), os Gay Games VIII (Colônia 2010) e os North American OutGames (Vancouver 2011).

⁷ Chamamos de discursos heterofóbicos as jocosidades presentes nas falas "do meio". Tal concepção vem em contraposição à homofobia, que, além de aparecer em espaços de convívio societal, também povoa o campo esportivo LGBT.

⁸ Usamos o "entre iguais" em destaque, pois mesmo dentro da pretensiosa homogeneidade dos espaços "gays e lésbicos" há uma ampla gama de subjetividades e identidades sociosexuais de gênero, as quais são impossíveis de serem tabuladas e "encaixotadas". No entanto, partimos disso para analisar a produção e a circulação do espaço.

raciais (por exemplo, nos EUA, bairros como o Harlem e o Bronx deixaram de ser somente de negros e possuem latinos e asiáticos coabitando nesses espaços) e não haveria mais locais exclusivos nos quais minorias religiosas se encontrariam encapsuladas (mesmo em território israelense há palestinos); 2) verte-se de espaço estruturado a autoestruturante, por exemplo, a comunidade brasileira em Nova Iorque habita uma região que passou a se autorreferenciar como *Little Brazil*; e 3) desvencilha-se de uma 'identidade autodefinidora', isto é, as denominações de regiões são ecléticas e não se relacionariam à população que nelas habita (o Bexiga, na cidade de São Paulo, deixou de ser um bairro italiano há décadas).

Portanto, em tempos de globalização, referir-se ao gueto como outrora chega a ser um anacronismo e poderia ser tachado de politicamente incorreto. Palavras de ordem como direitos humanos, inclusão, diversidade, estão amalgamadas com discursos políticos de sujeitos e movimentos sociais, que buscam suas representatividades e legitimidades. O movimento esportivo internacional LGBT⁴ não é exceção quando defende espaços para a prática de esportes e ações para sua exequibilidade. Ao passo que o globo assistia à Copa do Mundo de Futebol na África do Sul em 2010, uma olimpíada peculiar ocorria em Colônia, Alemanha: 8º Gay Games, competição esportiva quadrianual realizada desde 1982.

Como espaços criados para a participação esportiva de um segmento que – em geral, mas não necessariamente – é discriminado em arenas esportivas heteronormativas, tais competições também se inserem nos circuitos estabelecidos pelos diversos sistemas esportivos.⁵ Além disso, o binômio *esporte-festa* performatiza uma estreita e intensa relação que participa tanto nos discursos organizacionais quanto nas ações dos/das participantes.

A partir de um périplo etnográfico estabelecido desde 2006,⁶ a proposta aqui é a de testar uma hipótese que emergiu em campo, por meio das observações participantes: seriam tais eventos "guetos sexualizados", isto é, áreas de proteção e reforço (positivo) de "identidades" sexuais, (re)produtoras de uma "cultura gay" *mainstream* no meio esportivo, e isolante em relação aos – em conceitoêmico – "espaços heterofóbicos" e "discriminadores"?⁷

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar os espaços esportivos internacionais constituídos *de e para* a população LGBT – e que são arquitetados dentro de uma lógica de "eventos exclusivos" ("entre iguais"),⁸ com periodicidade e temporalidade regulares – a fim de ponderar sobre as tensões estabelecidas entre as concepções originárias de gueto, suas ressemantizações em espaços transnacionais

⁹ Norbert ELIAS, 1994.

¹⁰ Sendo visivelmente a maioria de homossexuais masculinos (homens gays). Esse perfil prévio (e generalizante) dos participantes foi sistematizado a partir de um survey aplicado durante etnografia realizada nos II World OutGames, entre julho e agosto de 2009.

¹¹ Os hotéis oficiais dos eventos são sempre cinco estrelas, como as cadeias Sheraton, Hyatt e Mercury.

¹² Fazer programas turísticos e prolongar viagens foram informações que apareceram em depoimentos de atletas nos três eventos etnografados. Como referência a um perfil socioeconômico do segmento LGBT, há o artigo de Juan Pereira MARSIAJ, 2003, que, no entanto, não problematiza o âmbito esportivo. Em referência ao “turismo gay”, há o trabalho de Howard HUGHES, 2002.

¹³ Em Florianópolis há todos os anos os Diversity Games (jogos da diversidade), que acontecem três dias anteriores à Parada Gay. Porto Alegre, seguindo a mesma lógica, organiza os Jogos Gays Gaúchos. Outras iniciativas já ocorreram em Curitiba, Brasília e Salvador.

¹⁴ A CAPA, 2008.

¹⁵ Respectivamente, a versão regional da América do Norte e a da Europa. No caso europeu, algo que deveria ser pequeno e regionalizado acaba adquirindo ares de torneio internacional, haja vista a quantidade de atletas e de cidades inscritos.

¹⁶ Reconhecida historicamente a origem dos jogos gays, tais competições ocorrem a cada quatro anos à semelhança do ciclo olímpico convencional. A próxima edição ocorrerá em Cleveland, EUA, em julho/agosto de 2014.

¹⁷ Conhecidos como Jogos Mundiais da Diversidade, iniciaram-se em 2006 e mantêm uma proposta de inclusão social das distintas identidades sociosexuais em seus eventos. A segunda edição ocorreu em 2009.

atuais e uma “cultura gay” *mainstream* predominante na esfera esportiva. No limite, em que medida se pode considerar tais competições como “guetos sexualizados” itinerantes em escala global?

Este artigo terá como traçado a) caracterizar as competições LGBT como fenômenos esportivos globais; b) resgatar e ressemantizar o conceito de gueto, a partir das discussões clássicas da “Escola de Chicago”; e c) submeter ao teste a hipótese de pensar tais campeonatos como “guetos” reestilizados, que participam de uma singular lógica global de circulação, à luz do sistema esportivo mundial.

Sistema esportivo global e competições LGBT

As competições LGBT inserem-se no sistema esportivo global e, mesmo em escala de menor importância, são um produto da modernidade, assim como o esporte moderno o é.⁹ Do mesmo modo com que este último foi difundido e apropriado de distintas maneiras no mundo, aquelas funcionam como projeto político de (re)invenção e (re)afirmação de identidades sociosexuais.

São eventos que oferecem um variado leque de esportes, praticados invariavelmente pela não menos diversa gama de sujeitos. Se buscássemos um “padrão hegemônico” para descrever a população que se envolve nesses tipos de torneios, poder-se-ia dizer que os participantes habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões metropolitanas no globo), têm escolaridade formal (geralmente nível universitário), são “brancos” (caucasianos) em sua maioria e, em esmagadora proporção, do gênero masculino.¹⁰ Muitos moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo (convencional e sexual). No quesito renda, notadamente possuem recursos suficientes à participação, ao turismo local, a uma hospedagem confortável.¹¹ E, além disso, dispõem de reservas para prolongar a estada ou agregar roteiros turísticos nos dias posteriores ao evento em si.¹²

Sob a designação de “competições esportivas LGBT”, pode-se encontrar eventos de diversas amplitudes. Há os de caráter local (como torneios municipais ou apresentações recreativas e ocasionais por fatores de comemoração de eventos),¹³ nacional (como o I Campeonato LGBT da Bolívia),¹⁴ regional (estendendo-se por uma ampla área, como os North American OutGames e os EuroGames)¹⁵ e mesmo internacional (cujos exemplos mais visíveis conhecidos são os Gay Games¹⁶ e os World OutGames).¹⁷ À semelhança

das estruturas competitivas convencionais, os níveis de competitividade e registro de altos índices ou quebra de recordes emergem em maior proporção nas competições de grande envergadura (e, comumente, em modalidades esportivas individuais). Além disso, não é raro encontrar ex-atletas “aposentados/as” e/ou mesmo ex-técnicos/as (que passaram grande parte de suas vidas profissionais no *closet da sexualidade*) participando dos encontros esportivos como os citados anteriormente.¹⁸

Ao passo que em competições esportivas globais como Copas do Mundo de Futebol ou Jogos Olímpicos (e Paraolímpicos) o local e o global se articulam na construção dos discursos identitários,¹⁹ em competições LGBT há processo similar, porém não idêntico: há grupos que vestem camisas representativas de suas cidades e outros que escolhem as cores nacionais. Essa flexibilidade de representação é permitida nesses contextos. Os discursos sobre “ser brasileiro”, “ser mexicano” ou “ser chinês” – só para citar alguns dos que os encampam – são essencialismos identitários e estabelecem fronteiras entre o “eu” e o “outro”. Como as identidades nacionais não podem ser tratadas de forma monolítica ou estável²⁰ e a questão das identidades de gênero fervilham no conjunto dos discursos individuais e coletivos, ocorre naquelas competições esportivas o que se pode designar como “dessacralização dos sentimentos nacionais”,²¹ isto é, aquilo que é uma peça-chave de estruturação e de manutenção das “paixões coletivas” no esporte convencional, em escala planetária – inclusive movimentando bilhões de dólares em produtos, imagens e serviços que representam a nação –, no caso LGBT é inexpressivo, pois os “sentimentos nacionais” quando aparecem estão completamente fora do panorama midiático²² e mesmo das lógicas mercadológicas esportivas globalizadas.

Por apresentarem a característica de eventos globais – amplamente atendidos por atletas LGBT de todos os continentes – e, ao mesmo tempo, um estímulo para refletir sobre processos de territorialização/desterritorialização de gênero e de itinerância de desejos na era da globalização, os Gay e World OutGames apresentam-se como locais privilegiados para a construção de uma antropologia multissituada (*multisited anthropology*), oferecendo elementos estimulantes a uma etnografia entre não lugares no tempo e no espaço.²³

Gay Games e World OutGames: origens, ideais e discordâncias

Tudo começou em meados dos anos 1980 quando Tom Waddell, atleta norte-americano, decide criar a

¹⁸ Apesar de importante temática relacionada ao universo analisado, esmiuçá-la transbordaria os limites propostos para esta reflexão. Para uma teorização acerca do closet ou armário da sexualidade, há o artigo de Eve Kosofski SEDGEWICK, 2007; e discussões importantes relativas à temática no campo dos estudos brasileiros sobre sexualidade têm sido endereçadas por Richard MISKOLCI, 2009.

¹⁹ Édison GASTALDO, 2007.

²⁰ Stuart HALL, 2003.

²¹ Antônio Jorge Gonçalves SOARES e Alexandre Fernandez VAZ, 2009.

²² Arjun APPADURAI, 1994; e RIAL, 2008.

²³ Para George MARCUS, 1995, p. 105, a pesquisa antropológica multissituada “[...] is designed around chains, paths, threads, conjunctions, or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicated posted logic of association or connection among sites that in fact define the argument of the ethnography”.

primeira versão de uma competição esportiva que reuniria atletas gays, lésbicas, bissexuais, travestis (e mesmo heterossexuais) e na qual a livre participação e inclusão seriam valores a serem buscados e assegurados. Surgem, então, os Gay Games (GG). Origem de todas as manifestações esportivas contemporâneas para aquele grupo social, tais jogos emergem no bojo das ações políticas oriundas do momento pós-revolução sexual, na esteira dos efervescentes debates sobre “identidades” sexuais e de gênero.

No currículo esportivo de Waddell havia o 6º posto no *ranking* final da prova de *Decathlon*,²⁴ na olimpíada mexicana de 1968.²⁵ Apesar de oriundo de eventos esportivos *mainstream*, era engajado politicamente e defendia a prática do esporte como exercício político.²⁶ Considerado o “pai dos jogos”,²⁷ foi a partir de sua iniciativa que os GG passariam a uma existência institucionalizada de prática esportiva de/para LGBTs, além de incluir, ao mesmo tempo, atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos também no sistema esportivo global – pelo menos, esse era o discurso oficial.²⁸ Sua proposta assentava-se contra a formação de “ambientes restritivos” (guetos) naquelas competições e defendia a ampla participação baseada no *fair play*, pois entendia que, apesar de o esporte trazer a igualdade formal de chances, excluía a maioria.

Há quase 30 anos as competições esportivas vêm sendo organizadas pela Federação dos Gay Games (FGG), sediada nos EUA, uma organização não governamental que se institucionalizou em 1989 a partir dos esforços de amigos próximos a Waddell, os quais continuaram mantendo sua ideologia mesmo após sua trágica morte por complicações relacionadas à Aids.²⁹

Com o lema de Waddell ainda estampado no subtexto da organização (*participação, inclusão e melhor de si*),³⁰ ela possui *site* na internet, um comitê diretor (com equidade de gênero) e representa quatro continentes (exceto África).³¹ Para o processo seletivo de cidades-sedes interessadas na realização dos jogos, a FGG procede de forma semelhante aos processos convencionais do COI e, após meses de vitórias e análises no relatório de intenções das candidatas, decide-se pelo melhor projeto. Certamente menos glamoroso do que o processo multimilionário do COI, que recebe ampla cobertura midiática e se constitui, ele mesmo, em parte do espetáculo dos jogos.

A seguir há uma tabela com dados dos Jogos Gays ao longo de sua “história”.

²⁴ O Decathlo é uma prova “masculina” e combinada de dez eventos relativos ao atletismo. No primeiro dia ocorrem os 100 m, o salto em distância, o arremesso de peso, o salto em altura e os 400 m; no segundo dia, os 110 m com barreiras, o arremesso de disco, o salto com vara, o arremesso de dardo e os 1.500 m. Algo prévio a essa formação foi proposto no século XIX, e, em 1912, o Comitê Olímpico Internacional (COI) inseriu, oficialmente, nas competições (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2011).

²⁵ Heike BOSCH e Phillip BRAUN, 2005; e Brian PRONGER, 1990.

²⁶ De acordo com Judy DAVIDSON, 2006, mesmo durante a participação nas olimpíadas de 1968, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico Norte-Americano em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio em referência direta ao black power.

²⁷ BOSCH e BRAUN, 2005, p. 186.

²⁸ Para entender a importância que a literatura confere a Waddell, basta dizer que ele está para os “Jogos Olímpicos Gays” assim como o Barão de Coubertin está para os Jogos Olímpicos Modernos.

²⁹ Tom Waddell e Dick SCHAAP, 1996.

³⁰ FEDERATION OF GAY GAMES, 2011b.

³¹ Em entrevista com o copresidente da FGG em março de 2011, apesar dos estímulos institucionais, “por questões sociais e culturais é extremamente difícil ter associações e grupos de trabalho sobre esportes gays e lésbicos no continente africano”.

TABELA 1 – Gay Games: cidades-sedes e número de participantes

Ano	Versão dos jogos	Cidade	País	N. Participantes
1982	I Gay Games	São Francisco	EUA	1.350
1986	II Gay Games	São Francisco	EUA	3.500
1990	III Gay Games	Vancouver	Canadá	7.300
1994	IV Gay Games	Nova Iorque	EUA	12.500
1998	V Gay Games	Amsterdã	Holanda	13.000
2002	VI Gay games	Sydney	Austrália	11.000
2006	VII Gay Games	Chicago	EUA	11.500
2010	VIII Gay Games	Colônia	Alemanha	12.900
2014	IX Gay Games	Cleveland	EUA	...

Fontes: BOSCH e BRAUN, 2005; e FEDERATION OF GAY GAMES, 2011a.

Num primeiro olhar, importante destacar a quantidade de atletas inscritos nos jogos. Da segunda versão para a terceira, tal quantidade mais que dobrou. Mesmo os III GG tendo sido realizados em Vancouver, Canadá (um território contíguo ao norte-americano), tal edição foi a primeira internacionalizada, numa era de plena intensificação da globalização. A partir das próximas versões, o montante de participantes manteve-se relativamente constante, sempre acima dos 10 mil.

É perceptível, pelos dados aglomerados na tabela, que há, de tempos em tempos, um retorno das competições ao território norte-americano, sob supervisão da FGG – em 30 anos voltou cinco vezes para os EUA, que também foi o único país a repetir a organização do evento. Tal “manobra”, conforme sugeriu um informante,³² não passa de uma “política de controle” da Federação. Apesar de encampar um discurso mais focado em direitos humanos, cultura LGBT e inclusão, a FGG confere um caráter de competição esportiva de alto nível. Tal aspecto é percebido nos discursos de atletas norte-americanos e nas próprias práticas esportivas em nesses eventos.³³ Ou seja, o esporte é o propulsor da realização dos jogos e, nesse sentido, trazê-los de volta para os EUA significaria o caráter institucional de esporte de rendimento (portanto, de exclusão), anteriormente citado. Veremos que tal manobra é importante justamente diante dos novos movimentos que sugerem alternativas outras que não só a realização dos esportes por si mesmos.

Portanto, de uma orientação “alternativa” a competições heteronormativas convencionais e com forte tendência inclusiva, os GG têm adquirido, ultimamente, contornos de um “projeto exclusivo”, seja pela ampla dominação

³² HS, 44 anos, alemão, ativista LGBT e corredor de rua e pista. Participa do movimento esportivo LGBT internacional e é da oposição à FGG. Apesar de haver entrevistado 13 atletas em profundidade nas competições LGBT e haver acompanhado certo tempo a vida de seis deles ao longo de um ano, aqui haverá o resgate de apenas algumas falas.

³³ Os atletas norte-americanos na edição de Vancouver 2011 reproduziram discursivamente a versão oficial da Federação esportiva gay, dizendo que “o esporte é muito importante na vida deles” e que participam dos jogos para “competir e mostrar aos heterossexuais que eles também podem”. Reproduzem posturas que atletas de elite têm em relação ao esporte profissional e demonstram orgulho (DAVIDSON, 2006) de competirem em etapas esportivas LGBT.

esportiva gay masculina (que invisibiliza outras minorias), seja pela constituição de espaços “heterofóbicos” e endógenos ao extremo (autoconstruídos para o júbilo coletivo). O sentimento expresso a seguir resume tais explicações em termos similares.

Estava com AJ à beira da piscina, quando ouvi seu desabafo. “Tudo bem, sou cinquentão e daí?”, riu, me olhando em seguida. “Eu não disse nada”, afirmei, rindo também. “Pois é, e vou ter que competir com aquele cara ali”, mostrou-me alguém se alongando e eu disse, “sim, claro, ele está na tua categoria? Se sim, isso é esporte, ou não?”. Ele replicou, “mas você sabe que ele é hétero?” [pausa]. “Eu quero o corpo dele, isso sim!”, afirmou.³⁴

³⁴ AJ, 50 anos, nadador, brasileiro, categoria master, depoimento registrado em diário de campo em 2 de agosto de 2010, nos jogos de Colônia, Alemanha.

Tais tendências geraram, nos idos de 2003-2004, uma onda de insatisfação a ponto de provocar a emergência de um movimento que propôs organizar um campeonato esportivo “dissidente” e “inovador”, para além do “exclusivismo” e de encontro a demandas mais *queer* do cotidiano LGBT, como a discussão sobre os grupos minoritários e excluídos do movimento esportivo, ou mesmo os direitos humanos, civis e políticos de grupos raciais-sociais subalternizados, ou ainda a condição de pessoas de “cor” e gêneros desviantes e a homofobia generalizada (no esporte e em outros meios). Pela primeira vez emerge, em nível global, uma nova estrutura esportiva organizacional como opção, a dos OutGames, proposta pela então recém-criada Gay and Lesbian International Sports Association (Glisa).

³⁵ Tal aspecto foi constatado nos WOG da Dinamarca, em 2009, particularmente junto aos discursos oficiais dos comitês organizadores.

³⁶ Uma crítica que pode ser tecida ao “novo formato” é a falta de intercâmbio entre os sujeitos que participam da conferência e os/as atletas. Não há interligação entre grupos e mesmo discussões de interesses em comum, salvo raras exceções.

³⁷ Analisando friamente a “geopolítica” estratégica da Glisa, é possível perceber a preocupação na atração de pessoas vindas de áreas onde ainda a homossexualidade é criminalizada ou mesmo onde os direitos básicos de respeito à diversidade sexual não se cumprem. Por isso o programa Outreach (auxílio financeiro para participações na Conferência dos Direitos Humanos) é bastante eficaz e representantes de países africanos, sul-asiáticos, centro-americanos e leste europeus participam, constantemente, desses eventos.

³⁸ DAVIDSON, 2006.

Assim, nascem os primeiros “jogos da diversidade”, batizados de World OutGames (WOG), com supervisão e acompanhamento daquela associação, a partir de prestação de serviços de uma estrutura “mais profissional e menos militante”.³⁵ Cabe destacar que o formato-padrão dos OutGames, diferentemente dos GG, que propõe a execução apenas de um programa de esportes, baseia-se na realização de uma conferência de fomento à cultura e aos direitos humanos LGBT, prévia à semana esportiva.³⁶ Do ponto de vista geopolítico, enquanto a FGG atua e tem grande influência em território estadunidense, a Glisa trata de angariar apoiadores em todas as partes do mundo, sobretudo em países pobres e em desenvolvimento.³⁷

Após a realização do primeiro evento, não demorou muito para se estabelecer um fogo cruzado sobre quem detinha o melhor modelo de realização de competições esportivas específicas para o movimento internacional LGBT: de um lado, os americanos e sua política de orgulho dos ‘Jogos Olímpicos Gays’,³⁸ de outro, os canadenses, parte

³⁹ Nos últimos anos foram criadas a Glisa North America, a Glisa South America, a Glisa Europe, a Glisa Asia Pacific. Praticamente em cinco anos o “modelo” alternativo de gerenciamento esportivo LGBT sobrepujou a hegemonia mundial da FGG.

⁴⁰ Jogos e campeonatos para pessoas portadoras de deficiência física e sensoriais. São realizados poucas semanas após os Jogos Olímpicos convencionais (Wagner Xavier de CAMARGO, 2000).

⁴¹ Carrie BATTAN, 2008.

⁴² WORLD OUTGAMES MONTREAL, 2006.

⁴³ A primeira edição em 2006 foi bem-sucedida, mas deixou prejuízos nas contas dos organizadores de Montreal. Sua segunda versão, em 2009, ocorreu de forma mais modesta com 5.518 participantes (4.590 atletas) de 92 países (WORLD OUTGAMES COPENHAGEN, 2009) e, se não fosse pela ação do suporte financeiro da Prefeitura de Copenhagen, o balanço geral das contas do Comitê Organizador teria sido também deficitário (SCANORAMA, 2009).

⁴⁴ Gustavo Lins RIBEIRO, 2000.

⁴⁵ Brent RITCHIE, Richard SHIPWAY e Bethany CLEEVE, 2009.

⁴⁶ SOARES e VAZ, 2009.

⁴⁷ Ambos defendem a participação na “comunidade” esportiva LGBT como uma estratégia de busca por aventuras sexuais e por relações com terceiros. Interessante temática, inclusive com a discussão sobre os limites da interação pessoal (e sexual) do pesquisador em campo. Para uma referência contundente, ver Ellen LEWIN e William LEAP, 1996.

dos europeus e a esmagadora maioria dos países “fora do circuito”,³⁹ que defendiam “algo a mais” além do que era enfatizado.

Para entender melhor a dimensão de alcance dessas competições esportivas LGBT, seria interessante compará-las em números com outros dois eventos máximos dentro do sistema esportivo global contemporâneo: as versões de verão dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.⁴⁰ Enquanto os GG VIII, de Colônia 2010, contaram com a participação de 12.900 atletas, as respectivas edições olímpica e paraolímpica em 2008, em Beijing (China), registraram, respectivamente, 10.500 e 4.800 atletas.⁴¹ A primeira versão dos WOG também não deixou a desejar: foram “[...] mais de 16.000 participantes, de cerca de 120 países e assistência de 250 mil visitantes”.⁴² Como se pode observar na tabela mostrada anteriormente, a participação nos GG tem aumentado a cada edição e nos WOG ainda é cedo para tecer qualquer análise.⁴³

Isolamos, dessa forma, a variável “número de atletas” somente com o intuito de destacar que as competições esportivas LGBT são vultuosas pelo conjunto de participantes que atraem e que poderiam ser “megarrituais globais”⁴⁴ ou “megaeventos esportivos”,⁴⁵ assim como as Olimpíadas e as Copas do Mundo de Futebol. No entanto, só não o são pois não apresentam a mesma visibilidade global e nem se constituem como *target* de investidores esportivos, estando excluídas do “mercado internacional do esporte”.⁴⁶ Além disso, excetuando-se tal variável, tais torneios estão totalmente fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, seja porque não apresentam espetacularidade e apelo midiático, seja porque não carregam popularidade, angariam patrocínios inexpressivos, não movimentam alta quantia de dinheiro, dentre outras particularidades.

Desse modo, as etnografias realizadas indicaram um fator novo que faz emergir elementos não identificáveis tão visivelmente em outros eventos esportivos convencionais: para muitos sujeitos, a variável “sexo” entra em jogo e é determinante na escolha para a participação.

Buscar um terceiro elemento para fazer sexo – ou *threesome*, como se referem em inglês – faz parte dos discursos de alguns sujeitos e de vários casais entrevistados. RB e DF, por seu turno, foram os primeiros a explicitar, clara e avidamente, seus desejos em postular a permuta “entrevista” por “sexo”. Um alemão e outro grego, 36 e 35 anos, respectivamente, caucasianos e “casados” há seis anos, disseram ser o “terceiro elemento na relação” a “única forma de fazer o relacionamento durar”.⁴⁷

Independente das problemáticas mais gerais que

circundam os eventos em análise, o que foi visto até aqui coloca em questão se o “modelo WOG” de formato de evento suplantaria o já fossilizado “modelo GG”, possibilitando ações práticas além muros do gueto esportivo em vigor. Dito de outra forma, em que medida a alternativa mascara um discurso que, no limite, não reconhece que os sujeitos participam dos eventos como se fossem indistinguíveis, tratando-os como apenas outra etapa de um “circuito” de festas e sexo? A bifurcação que divide e coloca em campos opostos a FGG e a Glisa (ou GG e OutGames) pode ser estendida para outras esferas sociais, nas quais está a criação ou não de “territórios morais”⁴⁸ específicos, os quais reúnem indivíduos que exerçam mesmas vivências, no caso, as sexuais.

⁴⁸ Em termos de Robert Ezra PARK, 1979.

Dos guetos às derivações: resgate e ressemantização

*Havia, em princípio, acho que quase todas as noites, e em algum lugar, uma festa diferente. E porque não se conhecia muita gente, estava-se obviamente sempre com alguém, com amigos e com conhecidos, novos amigos e novos conhecidos, sempre indo para as tais festas; cada noite em uma nova festa, em alguma parte da cidade ou em algum clube. Era um sentimento de pertencimento grupal bem intenso.*⁴⁹

⁴⁹ HS, citado anteriormente, sobre seu début em “competições gays”, grifos nossos.

Depoimentos como o anterior e acompanhamento da rotina esportiva de atletas homossexuais em torneios internacionais LGBT puseram em tela de apreciação que talvez tais espaços circunscritos sejam narcisisticamente autoconstruídos para o regozijo grupal e que a relação esporte-festa não é tão estrita como se possa pensar. Por detrás dela há fetiches, práticas de sexo e consumo de drogas (lícitas ou não). Portanto, entender mais sobre a estruturação do gueto como espaço abjeto⁵⁰ e as territorialidades marginais *queer*⁵¹ e suas paradoxalidades tornou-se fundamental para a empreitada proposta.

⁵⁰ Ou seja, espaço estranho, limítrofe, “de banimento”, segundo formulação de Julia KRISTEVA, 1982. Judith BUTLER, 2003, p. 191, também usa a noção de abjeção quando fala do sujeito: “o ‘abjeto’ designa aquilo que foi expulso do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’. [...] A construção do ‘não eu’ como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito”.

⁵¹ Como lembra BUTLER, 2008, p. 318, “el término ‘queer’ operó como una práctica lingüística cuyo propósito fue avergonzar el sujeto que nombra, o antes bien, producir un sujeto a través de esa interpelación humillante”.

⁵² Adriana BRAGA e Édison GASTALDO, 2009.

⁵³ Howard BECKER, 1996.

O gueto como problema sociológico provém dos estudos ligados, tradicionalmente, à chamada “Escola de Chicago”, vertente da sociologia americana que teve como auge o período entre 1930-1950 e que deixou um legado até hoje referenciado.⁵² Apesar da crítica pertinente sobre o uso do termo “escola de pensamento”⁵³ – pois tal termo ocultaria as distinções teóricas e metodológicas existentes, além de conflitos pessoais entre teóricos da época, sendo, portanto, a melhor intitulação “escola de atividade” –, são inegáveis as contribuições teóricas para o estudo dos fenômenos urbanos, para a efetivação de uma microsociologia das situações sociais e mesmo para um

⁵⁴ Uma revisão interessante do desenvolvimento da “Escola de Chicago” pode ser encontrada em Yves WINKIN, 1998. E uma crítica contundente ao seu termo e conteúdo acha-se em BECKER, 1996, citado anteriormente.

⁵⁵ WACQUANT, 2004.

⁵⁶ Inclui uma crítica que feze é a que, com o passar do tempo, tal categoria tem se dissolvido em múltiplos empregos, que são, muitas vezes, mais descritivos do que analíticos.

⁵⁷ Segundo WACQUANT, 2008, essa é uma associação possível, mas uma tradução problemática, na medida em que não traduz de modo adequado a dimensão essencialmente política e moral do vocábulo norte-americano.

⁵⁸ WACQUANT, 2008, p. 62.

⁵⁹ Louis WIRTH, 1969.

⁶⁰ Martin Levine (1950-1993) foi um sociólogo norte-americano pioneiro nas discussões sobre homossexualidade ainda na década de 1970 (Michel KIMMEL, 1998).

espectro mais amplo de considerações sobre o fazer pesquisa empírica (ou etnográfica). Tendo como pano de fundo o “futuro da nação”, os intelectuais de Chicago vão se preocupar exatamente com a cidade e seu espaço de maneira mais crítica e reflexiva do que outrora.⁵⁴

Na esteira das tendências a revisitar antigos conceitos e teorias, a temática sobre o gueto tem inspirado cientistas sociais em anos recentes. Quem faz uma (re)leitura atual e interessante é Wacquant,⁵⁵ para quem a utilização do termo “gueto” nas ciências humanas – no contexto americano e no mundo – teria adquirido variadas acepções desde seu nascimento.⁵⁶

Para tal autor, são três momentos de metamorfoses e redobramentos do termo – tanto históricos quanto semânticos – nos EUA. O primeiro se materializa com o fluxo migratório europeu e a rápida urbanização impulsionada por uma migração interna de dissidentes do sul americano segregacionista, que provocam problemas relativos à etnicidade e à pobreza nas grandes cidades, com a formação de bolsões de miséria – os *slums* ou favelas.⁵⁷ Em segundo, e como consequências das guerras mundiais, viria a dispersão dos brancos pelo território americano e suas subsequentes ‘desracializações’, concomitantemente a reclusão dos descendentes de escravos em ‘cinturões negros’; o gueto passa a denotar “quase exclusivamente a segregação forçada de negros norte-americanos em distritos compactos e degradados dos centros das cidades”.⁵⁸ Portanto, o “*gueto negro*” torna-se sinônimo de gueto e se materializa, assim, como um aparelho socioespacial de segmentação e de controle étnico-racial. Uma terceira alteração semântica dá-se exatamente quando se começa a associá-lo a perímetros de pobreza e a fenômenos mais amplos de exclusão socioeconômica. Para o sociólogo, o que poderia parecer uma simples readequação teórica do ‘conceito’ para dar conta das exclusões a que as populações se submetem, na verdade, é uma falácia. Expurga-se a ideia de raça da equação causal, cola-se ‘gueto’ à noção de moradia em condições irregulares (favela), transforma-se a problemática em índice demográfico sem importância, empurrando a questão racial para o último posto da agenda política.

O gueto, em sua clássica formulação,⁵⁹ pressupunha minimamente quatro características fundantes: 1) concentração institucional; 2) área cultural; 3) isolamento social; e 4) concentração residencial. Preocupado em analisar como os gays se organizavam socialmente no ambiente urbano americano dos anos 1970, importante intelectual orgânico americano⁶⁰ adota tais categorias e as redimensiona, de modo “fisiológico”, para explicar os gay

ghettos das cidades de Boston, New York, Chicago e San Francisco.

Ao passo que a concentração institucional de locais comerciais institucionalizados ou em vias de institucionalização (livrarias, restaurantes, saunas etc.) ia se formando, uma área cultural surgia no entorno, o que significava que a (sub)cultura *gay* espalhar-se-ia por dada área geográfica, havendo, assim, o desenvolvimento de formas de socialização envolvendo linguagens e expressões comuns entre os que na região circulavam. O que caracterizaria a área como “culturalmente *gay*”, para ele, seriam fatores desde a evidente presença física (geralmente homens *gays* por toda a parte), passando por comportamentos padronizados e estereotipados, chegando a existir uma “cena *gay*” ocorrendo constantemente, mesmo durante o dia.⁶¹ Logo, tal situação desembocaria no isolamento social, isto é, criação e manutenção de contatos sociais (relações sociais) com “iguais” (outros homens *gays*), que fomentariam uma atmosfera de exclusividade *gay* (*exclusively gay world*) e um ténue (senão reduzido) contato com o mundo heterossexual/heteronormativo de uma porção mais ampla da sociedade, e, por fim, na concentração residencial, que estabelecería locais de concentração de imóveis, onde *gays* não apenas residiriam como dos quais também seriam proprietários. Devido ao fundo “fisiológico” da explicação de tais características, elas são apresentadas com interdependência e aparecem em sequência, uma após a outra.

Ainda se pode associar o gueto a um termo correlato, qual seja, o de comunidades. Isso, pois, ao mesmo tempo que no espaço guetificado os agrupamentos de “iguais” estabelecem redes de apoio e solidariedade, também reproduzem comportamentos e valores com regularidade. Desse modo,

esse seria, portanto, o estratagema básico utilizado pelos habitantes da cidade para superar a fragmentação das relações sociais existentes na cidade moderna, o agrupamento de ‘iguais’, formando comunidades (grupos de relações simbióticas, isto é, de ajuda mútua), que estariam em competição entre si.⁶²

Ou seja, na cidade moderna, com as transformações inerentes ao seu espaço territorial e mesmo nas relações entre indivíduos – particularmente nas cidades que passam a almejar o *status* de “cidade grande” –, o agrupamento referente ao gueto traz uma coesão simbiótica entre membros e, portanto, de (auto)reconhecimento, proteção e ajuda mútuas. Nos anos 1980, tal reconhecimento vai desencadear adesão e apoio mútuos relacionados a identidades sociopolíticas.⁶³

⁶¹ Como cita Levine, 1998, p. 39: “Many social conventions within these areas are distinctly homosexual. Gestures of affection, eye contact, and other signals of sexual interest are exchanged openly”.

⁶² Ronaldo TRINDADE, 2005, p. 255.

⁶³ Joana BELARMINO, 1997.

Variante dessas abordagens são as contribuições teóricas brasileiras acerca dos “guetos homossexuais”, que fundaram o que ficou conhecido no país como o campo dos estudos homoeróticos e homoafetivos. Em realidade, os *guetos à brasileira* estavam associados a minorias sexuais excluídas ou, como em discursos médicos dos anos 1970 e 1980, aos grupos que apresentavam “normas de comportamento sexuais desviantes”. Do ponto de vista de estudos recentes,⁶⁴ o espaço urbano da cidade de São Paulo foi o que ofereceu profícua matéria-prima para as pesquisas, cujos enfoques teóricos foram influenciados pelas gerações de pesquisadores, incentivados e formados por Donald Pierson, americano discípulo da “Escola de Chicago” e radicado no Brasil durante alguns anos.⁶⁵

⁶⁴ James GREEN e Ronaldo TRINDADE, 2005.

⁶⁵ Edgar MENDOZA, 2005.

Há três contribuições teóricas que gostaríamos de destacar: o debate inaugural nos anos 1950 acerca da formação de um “gueto homossexual” em São Paulo e as discussões acerca dessa problemática; os resgates das discussões nos anos 1980, tanto no sentido de afirmação da existência de um gueto gay quanto no direcionamento de outras formas de entendimento e interpretação desses “territórios”; e, por fim, a reestilização das considerações e o endereçamento de ponderações contemporâneas.

O trabalho sociológico pioneiro de estudos sobre homossexualidade masculina no país⁶⁶ reconhece a formação de um “gueto homossexual” em São Paulo, nos idos de 1950, o que é retomado e comungado por parte das pesquisas dos anos 1980, principalmente a partir das mudanças no espaço urbano da metrópole paulistana e nos comportamentos/discursos do público homossexual, que buscava ainda locais de segurança e de criação de identidade social.⁶⁷ Numa clássica defesa do espaço marginal,

⁶⁶ José Fábio Barbosa da SILVA, 2005.

⁶⁷ Edward MACRAE, 2005.

O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto.⁶⁸

⁶⁸ MACRAE, 2005, p. 299.

Este último autor deixa uma leitura analítica datada, sem dúvida, mas que contribuiu com a positivação do “gueto” como espaço privado de fortalecimento para a então transgressão/subversão pública. Romântico e idealista, mas produto da época em que vivia, a da abertura política brasileira dos anos 1980 e a da efervescência

⁶⁹ Jean-Françoise LYOTARD, 1986.

⁷⁰ Reflexo disso é a Parada Gay de São Paulo, atualmente o maior evento do mundo na categoria. Historicamente, segundo MacRae (2005), artistas e intelectuais engajados foram responsáveis por mudanças culturais nas mentalidades brasileiras, e veículos de imprensa escrita (como o Jornal *Lampião*, que volta à vida em 2010) tiveram importância singular na expressão de uma cultura gay.

⁷¹ Néstor PERLONGHER, 2005.

⁷² PERLONGHER, 2005, p. 276.

⁷³ PERLONGHER, 2008.

⁷⁴ PERLONGHER, 2005, p. 274.

⁷⁵ Essa discussão é oriunda de Gilles DELEUZE e Félix GUATTARI, 1997, p. 53. Segundo eles, “para o nômade [...] é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso que ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um ‘território’”.

⁷⁶ Júlio Assis SIMÕES e Isadora Lins FRANÇA, 2005.

⁷⁷ SIMÕES e FRANÇA, 2005, p. 333.

⁷⁸ Narrados por LEVINE, 1998, e reeditados por José Guilherme MAGNANI, 2002.

cultural (pós-1960 e movimentos contraculturais posteriores), cujos reflexos eram resultados de um mundo em crise de metanarrativas⁶⁹ e em transformação.⁷⁰

Ainda naqueles anos, uma contribuição importante nessa temática é a de *territórios marginais*,⁷¹ que propôs repensar sofisticadamente o espaço cartografável do gueto das grandes cidades, a partir de “códigos-territórios”, por meio de uma cartografia dinâmica das territorialidades marginais, não lineares e não apreensíveis:

A expressão ‘código território’ se refere à relação entre o código e o território definido por seu funcionamento. ‘Inscription territorialisée’ na qual se distinguem [...] dois elementos: uma ‘sobrecondificação’ – *sucordage*, código de códigos – e uma ‘axiomática’, que regula as relações, passagens e transduções entre e através das redes de códigos que, por sua vez, ‘capturariam’ os corpos que se deslocam, classificando-os segundo uma retórica, cuja sintaxe corresponderia à axiomatização dos fluxos.⁷²

Por essa via de análise estava colocada uma crítica à aplicação mecânica da noção de “gueto gay”, como teorizada anteriormente. A dimensão não se sustentava por si sem um recurso necessário a outra territorialidade, no nível dos códigos. Para o autor argentino, que estudou a prostituição masculina e as territorialidades paulistanas flutuantes,⁷³ tais aspectos não podiam ser comparados aos guetos gays americanos, teorizados por Levine. Primeiro porque não havia uma “fixidade residencial” específica e, segundo, exatamente pelo caráter itinerante da territorialidade, que “não se fixava aos trajetos por onde circulava”.⁷⁴ A inspiração de tais assertivas analíticas vem do tratado de nomadologia e do nômade, que não tem pontos, trajetórias definidas *a priori*, apenas circula e, em se desterritorializando, se reterritorializa.⁷⁵

Nos idos dos anos 2000, por conseguinte, as discussões sobre o gueto são retomadas no contexto brasileiro, a partir das considerações anteriores e mediante profundas transformações (culturais e políticas) por que os movimentos homossexuais passaram ao longo dos últimos anos.⁷⁶ A discussão endereçada critica os esforços anteriores na positivação do gueto como espaço exclusivo e de visibilidade identitária, além de “[...] seu segregacionismo, sua vulgaridade, seu comercialismo e sua abjeção [...]”.⁷⁷

São reatualizados os potenciais analíticos das categorias *manchas* e *circuitos*⁷⁸ a fim de explicar a lógica de implantação e utilização de conjuntos de estabelecimento e serviços (voltados ao público LGBT) na paisagem da cidade, em interconexões com territorialidades flexíveis e

itinerantes. Há uma nova dimensão do gueto a ser analisada – o mercado GLS (*gays*, *lésbicas* e *simpatizantes*). A criação da sigla no *sife* MixBrasil – no ambiente virtual nos idos de 1993 – promoveu uma flexibilização e diluição das fronteiras do que se conhecia, então, como “gueto homo”. Alavancado pela bandeira GLS, o gueto seguiria sendo bastante pluralista e composto de tensões internas, conflitos e dissonâncias.

⁷⁹ SIMÕES e FRANÇA, 2005.

Simões e França⁷⁹ não apenas contribuem com novos ângulos sobre a problemática, como tecem algo inédito até então: a dimensão mercadológica do gueto. Eles destacam desde saunas, bares, casas noturnas, agências de turismo e mesmo a internet (os “guetos virtuais”), que são espaços de criação de sociabilidades homoeróticas, trocas, discussões políticas e afins e irrompem em múltiplas manifestações endereçadas pelas homossexualidades. O gueto não está apenas territorializado, porém mais identificável e estabelecendo códigos, conexões, “circuitos” entre seus componentes, internos e externos.

Tendo resgatado dadas transformações na conceituação socioantropológica de gueto, a proposta a seguir é desenvolver um esforço analítico de inter-relação entre o exposto sobre o conceito e as competições esportivas LGBT. Assim, nossa intenção é analisar em que medida as competições esportivas LGBT são significadas subjetivamente pelos sujeitos-atletas do mesmo modo como quaisquer outros “espaços globais de circulação *queer*”⁸⁰ e, portanto, seriam – com suas dinâmicas de territorialização/desterritorialização no tempo e no espaço, e itinerância de corpos e desejos – tornadas “guetos sexualizados” em escala global.

⁸⁰ Por “espaços globais de circulação *queer*” entendemos os espaços não convencionais por onde circula mundialmente a população LGBT, tanto aqueles on-line quanto os off-line, como as paradas *gays*, os circuitos *gays* e *lésbicos* de festas internacionais (em Miami, no Rio de Janeiro, em Ibiza, na Costa do Saúipe, em Berlim etc.), os pacotes turísticos específicos LGBTs, os cruzeiros *gays* e *lésbicos*, os roteiros LGBT de estabelecimentos comerciais em inúmeras cidades, bem como (talvez) as próprias competições esportivas LGBT.

⁸¹ Plataforma mundial de comunicação on-line, de criação alemã, usada para encontros entre os homossexuais masculinos, principalmente na Europa (SCHEU; SCHULZE, 2005).

⁸² Entrevista em 6 de novembro de 2010 com CS, 30 anos, alemão, voleibolista, participante dos jogos de Colônia, Alemanha.

Guetos esportivos re/desterritorializados em itinerância global?

Eu: [...] E você viaja muito?

CS: Não. Só quando tenho férias, uma ou duas vezes por ano. Depende muito.

Eu: Mas você me disse que, no seu perfil do GayRomeo,⁸¹ você tem uma agenda de viagens até o final do ano?

CS: Sim, eu me programo [ich habe eine Planung]. Há as viagens curtas e as longas. As curtas podem ser feitas em finais de semana; as longas são direcionadas para outros eventos e também para as férias.

Eu: Como os “Gay Games” ou os “EuroGames”?

CS: Pode-se dizer que sim.

Eu: Você participa de muitos desses torneios?

CS: Sim, normalmente vou a todos. Ah, e vou também aos regionais, por exemplo, às copas de voleibol de Frankfurt, de Copenhagen, de Paris e mesmo à que ocorrerá em 2011, na Polônia [...].⁸²

Que os gays são grandes consumidores mundiais de produtos e serviços por meio de seu *pink money*, algo que parece ser a “descoberta do ouro” do *business* mundial, não resta dúvidas. Já houve quem dedicou atenção ao perfil socioeconômico do segmento LGBT mostrando, inclusive, que há grandes disparidades entre os gêneros que compõem a própria sigla.⁸³ Para esse autor, há “gays ricos” e “bichas pobres”, denotando que o poder aquisitivo do “grupo”, na verdade, não é tão homogêneo como se pode imaginar. O poder econômico também sofre influência de classe social, cor da pele, nível educacional e origem cultural. Apesar de tal autor não problematizar o campo esportivo no cenário econômico, pois tece considerações sobre o universo brasileiro de consumo LGBT, endereça questões bem importantes para refletir a circulação econômica que envolve gays no cenário global.

Pela longa lista de cidades e países europeus pelos quais o voleibolista entrevistado circularia/circulou entre 2010 e 2011 – e que estavam já todas as viagens pré-agendadas em seu perfil *on-line* –, poder-se-ia imaginar que ele vive viajando, ou seja, um *bon vivant* que não trabalha e fica em função de se organizar para viajar e “encontrar potenciais parceiros sexuais”. Apesar de considerar a busca por sexo nas férias um dos “grandes mitos do estilo de vida gay moderno”,⁸⁴ acompanhando a rotina de CS, percebe-se que o estar *on-line* é um pré-requisito para angariar encontros *off-line*. Além de ficar constantemente plugado no *site* <www.gayromeo.com> em todos os lugares (através de seu iPhone), sua lista de cidades a serem visitadas fica registrada no tal *site* e os habitantes dessas cidades têm a disponibilidade de checar o perfil do “forasteiro” antes e durante sua estada. Ao sinal de interesse, deixam mensagem ou pequenos códigos que vão desde um “sexy” até “quero um filho seu”. Nessa economia das “trocas sexuais”, ele possui ainda em seu iPhone um aplicativo (chamado GRINDR) que atualmente é bastante comum entre homossexuais europeus masculinos. Tal programa permite identificar algum outro homossexual masculino, potencial parceiro sexual a tantos metros (ou quilômetros) de distância. A partir da identificação de um e outro, ambos podem combinar de se encontrarem para uma conversa ou “algo mais”, como afirmou o entrevistado.

“Circular” por distintos destinos turísticos e prolongar viagens além dos eventos esportivos de que participam foram informações que apareceram como dados empíricos dos campos etnográficos de Chicago 2006 e Colônia 2010. Nos jogos de Copenhague 2009 surgiu também que a viagem para uma competição, em geral, não é feita sozinha pelo sujeito e os momentos de turismo (sexual) são aqueles das férias de verão no hemisfério norte.⁸⁵

⁸³ MARSIAJ, 2003.

⁸⁴ HUGHES, 2002, p. 154.

⁸⁵ A viagem ocorre entre amigos (como, por exemplo, fazem os corredores do grupo Front Runners, de San Francisco) ou em casais, como os identificados também nas competições. O turismo desenvolvido nessas viagens, invariavelmente, tem componente sexual, seja pela “vontade de conhecer pessoas de outras partes do mundo”, seja pelo fato de também experimentarem “algo da vida local” onde acontecem os torneios, como foi afirmado por vários interlocutores. De certa forma, dadas localidades também se aproveitam dos eventos e fazem “sex marketing”, segundo HUGHES, 2002.

Diante da circulação de corpos e desejos e de uma propensão acentuada e ininterrupta em “circular” pelos espaços *queer on-line* e *off-line*, gostaria de testar a hipótese que indaga se as competições esportivas participam da mesma lógica que envolve os já mencionados *espaços globais de circulação queer*, isto é, se elas se constituem como “rotas de desejos” dos agentes e qual é o papel exercido pela prática esportiva nesse contexto.

O momento em que tais espaços esportivos LGBT aparecem em cena é no início dos anos 1980, em decorrência das conquistas políticas dos movimentos gays e lésbicos, signatários dos movimentos feministas de segunda onda. No entanto, adquirem circulação global apenas em 1990, no ápice da internacionalização da economia do século XX.⁸⁶ No caso das competições esportivas LGBT, a itinerância global se dá a partir da terceira edição dos GG, também em 1990, na cidade de Vancouver, Canadá, momento em que os jogos deixam o “gueto” norte-americano de onde surgiram e entram na lógica da globalização:

Eu: então esse feeling começou já em Berlim?

HS: Sim, claro! Foi uma grande comoção, na verdade, um sentimento grupal [ein Gruppenfeeling, ein Teamfeeling]. Naquela época, o grupo de Berlim tentou, tanto quanto possível, organizar toda nossa ida. Nós voamos em aproximadamente 150 pessoas num único avião. Então, se houvesse acontecido algo, estaria a equipe berlinense totalmente extinta. Mas imagine você, cerca de 150 “irmãs” [Schwestern] juntas em um único voo – gargalhou. Pobre héteros! Então, essa vibração boa, de grupo. Escala em Seattle e logo pouso em Vancouver [...]. E a maioria hétero [dos passageiros] ficaria em Seattle, acredito eu. E de Seattle para Vancouver, ninguém mais entrou, riu graciosamente. Era uma verdadeira bomba rosa! [Ein richtig Rosa-Bomber], gargalhou incessantemente.⁸⁷

Num dos primeiros encontros com o corredor alemão HS, as menções ao sentimento de satisfação desencadeado pelo agrupamento do “*team Berlin*” e a ida aos jogos eram recorrentes. Para ele, não apenas foi um marco histórico a participação da equipe de Berlim nas competições gays no Canadá, como fora também a circulação global que então passou a fazer parte de seus processos de subjetivação (dos projetos e dos desejos).

As competições esportivas LGBT passaram a compor o *landscape global*,⁸⁸ evocando sentimentos ambíguos nacionais/locais, performatizando uma cartografia dinâmica de territorialidades marginais,⁸⁹ como quaisquer outros eventos *queer* de alcance mundial. A ideia de vínculo

⁸⁶ Eric HOBSBAWN, 1995.

⁸⁷ Entrevista com HS, em 26 de maio de 2010, corredor, alemão, participante ativo de todos os torneios esportivos LGBT.

⁸⁸ APPADURAI, 1994.

⁸⁹ PERLONGHER, 2005.

⁹⁰ Ulf HANNERZ, 1997.

⁹¹ Michel KEARNY, 1995.

⁹² Beatriz PRECIADO, 2008; SOARES e VAZ, 2009.

⁹³ Quanto ao WOG, que teve sua origem em 2006, ainda é prematuro afirmar que haveria uma nova tendência de concepções sobre os jogos, uma vez que sua história é recente e a etnografia realizada em sua segunda edição em 2009 mostrou que, por enquanto (e à exceção da atenção à cultura e aos direitos humanos LGBT), esse campeonato reproduz, em grande escala, o que também é desenvolvido nos GG.

espacial/territorial e de marginalidade faz parte da história dos guetos como espaços físicos de segregação social, racial, sexual e afim. No entanto, para pensar as competições LGBT como “espaços guetificados em itinerância”, há que se desterritorializar o gueto, reconcebendo-o a partir dos fluxos e das fronteiras globais atuais.⁹⁰

Muito já se escreveu sobre globalização e se sabe que é um fenômeno que está em processo e que envolve dimensões culturais, econômicas, políticas e financeiras de acontecimentos de distintas naturezas que se inter-relacionam no planisfério terrestre.⁹¹ Independente da vertente interpretativa a que se filie em respeito à globalização em tela, o fato é que ela está intimamente relacionada ao capitalismo atual e afeta diretamente as formas de subjetivação no mundo moderno.⁹² As práticas esportivas LGBT, como subproduto desse mundo e do esporte moderno, também são atingidas e acachapadas por tal processo.

Reterritorialização e desterritorialização são fenômenos associados à globalização e se dão de modo ambíguo, transitório de simultaneísmos e descontinuidades, nos espaços e no tempo, compondo uma carta dinâmica e complexa das subjetividades *queer* em tais competições esportivas. Por exemplo, enquanto a reterritorialização é transitória, pois ocorre associada à execução desses eventos, a desterritorialização é permanente e acompanha o processo (de candidatura e nomeação das cidades-sedes, de planejamento e promoção, de divulgação e inscrição, de expectativas quanto à realização), permanecendo no imaginário dos atletas que participam, participaram ou participarão.

Especificamente acerca dos GG, sua territorialização/desterritorialização tem outro componente manifesto, extremamente curioso. O processo de itinerância é tenso e paradoxal: as competições se descentralizam do país-sede (i.e., os EUA) e, de tempos em tempos, tornam a se materializar por lá, fundamentalmente quando a Federação que as coordena assim o “recomenda”, num movimento de tentar repô-las no caminho da “ideologia” originária (e, portanto, retornando simbolicamente e espacialmente para onde o gueto foi materializado, ou seja, no espaço norte-americano).⁹³ Desterritorializa-se num *continuum* ao participar das lógicas subjetivas e objetivas de um calendário global (esportivo) que mescla circulação de sexo, desejos e prática esportiva associados, componentes ideais do “turismo sexual”.

Durante os jogos de Colônia 2010, com o calor escaldante do verão europeu à época, a cidade estava abarrotada de corpos seminus de atletas que circulavam entre as zonas esportivas e as áreas de *crusing* da considerada “capital gay da Europa”. Na sauna Babilon

⁹⁴ Entrevista com DJ, em 31 de julho de 2010, americano de 54 anos, caucasiano, francês, militante LGBT e corredor) do grupo Front Runners, apareceu a dimensão do “grupo de iguais”. Ele disse: “Há Front Runners em San Francisco, em New York e em Paris. Nos encontramos frequentemente em competições e gostamos de correr juntos”. Em Copenhague 2009, assim como inúmeros sujeitos, um tenista inglês entrevistado participava há mais de dez anos de um grupo de praticantes semelhante ao narrado por GM. No survey de Copenhague 2009, quase 75% dos entrevistados que se identificaram com o gênero masculino praticam esporte num clube específico LGBT.

⁹⁵ Em conversa com o corredor GM em 3 de agosto de 2010 (42 anos, caucasiano, francês, militante LGBT e corredor) do grupo Front Runners, apareceu a dimensão do “grupo de iguais”. Ele disse: “Há Front Runners em San Francisco, em New York e em Paris. Nos encontramos frequentemente em competições e gostamos de correr juntos”. Em Copenhague 2009, assim como inúmeros sujeitos, um tenista inglês entrevistado participava há mais de dez anos de um grupo de praticantes semelhante ao narrado por GM. No survey de Copenhague 2009, quase 75% dos entrevistados que se identificaram com o gênero masculino praticam esporte num clube específico LGBT.

⁹⁶ Os integrantes da equipe masculina de vôlei do Brasil, presente no WOG 2009, tratavam-se por “senhoras”. Um glossário interessante e que registra os chamamentos utilizados entre lésbicas está publicado recentemente na edição espanhola de Judith HALBERSTAM, 2008.

⁹⁷ LEVINE, 1998, p. 32

⁹⁸ LEVINE, 1998.

(um lugar misto de sauna, casa de massagem e banhos turcos), DJ transou e foi transado.⁹⁴ Inclusive no seu objeto de fetiche, um *sling* – suporte de couro, pendurado por correntes, no qual o movimento instável de idas e vindas ajuda no ato da penetração. Tal atleta narrou suas peripécias com um sorriso malicioso e completou: “*As férias de verão [...] não são apenas um tempo de descanso para a mente, mas de ‘exercício para o corpo’, got it?*”.

A partir dessa estreita relação entre espaços esportivos LGBT, circulação de corpos e desejos e turismo global de nicho, parece haver um reforço à subcultura *gay* marginalizada, que se autorreferencia positivamente no intuito de criação, manutenção e perpetuação de um ambiente restritivo (exclusivo) de práticas esportivas (e sexuais) LGBT.

A instalação dos espaços de convivência, seja dentro da equipe de jogadores/as, da modalidade esportiva ou ainda do grupo etário, funcionaria por meio de redes de socialização, reforços mútuos e reconhecimento identitário.⁹⁵ Expressões comuns como *darling, hanny, cutie, babie, cariño, love*, estão dentre as mais identificadas. Um fato curioso é que, à exceção da relação entre namorados/as, quanto maior é o laço afetivo-emocional entre amigos/as, maior é a ironia colocada nas expressões de referência e chamamento. Os homossexuais masculinos, por exemplo, utilizam constantemente substantivos e pronomes declinados no gênero feminino, quando para chamarem a atenção de outrem.⁹⁶ Retomando o depoimento anterior de HS, temos o termo autorreferenciativo “irmãs” (*Schwestern*, em alemão).

A linguagem e os códigos de tratamento entre os/as amigos/as e os/as conhecidos/as durante os eventos lembram o que um teórico americano já citado destacou como estabelecimento de uma “área cultural”: “[...] the culture of a particular people dominates the geographic area, a dominance reflected in the spatial centralization of the ghettoized people’s cultural traits”.⁹⁷

Além disso, no ambiente das competições esportivas pode-se identificar, sobretudo, a formação de um “mundo exclusivamente *gay*” (*exclusively gay world*).⁹⁸ Ora, se o autor tratou do isolamento social de *gays* e lésbicas no contexto do gueto norte-americano dos anos 1970 referindo-se à preferência de redes sociais exclusivamente homossexuais (que evitavam o máximo possível o contato com heterossexuais), algo semelhante se passaria no cenário dessas competições internacionais. A presença de atletas heterossexuais na competição não é plenamente entendida, como pairam nos discursos mistos de questionamento e de sentimentos de rejeição em relação a eles:

*Hoje estava com RB e DF na largada da meia maratona quando vimos se aproximar um alemão que chamou atenção logo que se aproximou. DF me disse que ele não está inscrito na prova, mas que ele é um atleta hétero “apenas treinando”. RB e DF fizeram um comentário malicioso sobre imaginar os quatro na cama. Desconsidere [...]”*⁹⁹

⁹⁹ Conversa com RB e DF, nos momentos prévios da largada da meia maratona, nos jogos de Colônia 2010 (Diário de campo, em 7 de agosto de 2010, grifos dos entrevistados).

¹⁰⁰ Fugiria ao escopo do manuscrito tratar das descobertas sobre as práticas sexuais e os fetiches do vestiário (definido na literatura como locker room subculture) (Eric ANDERSON, 2005; Heidi ENG, 2006 e 2008; e Brian PRONGER, 1990).

¹⁰¹ Em analogia ao termo de Levine (1998) de *exclusively gay world*, talvez se possa aludir a um fenômeno semelhante, porém que ocorre no espaço do esporte paraolímpico, isto é, praticado por deficientes físicos e visuais. Haveria, por analogia, a edificação de um *exclusively disabled world*, em que no quesito resultados, expressivos ou não, acabam circunscritos ao universo dos próprios praticantes. Ao contrário da população LGBT, os/as atletas deficientes anseiam pelo reconhecimento de suas marcas, mesmo estando à margem do sistema esportivo mundial.

¹⁰² SOARES e VAZ, 2009.

¹⁰³ DAVIDSON, 2006, p. 90.

Tanto o atleta de natação (AJ) quanto o casal com os quais estava na meia maratona (RB e DF) manifestaram-se avessos à presença de atletas heterossexuais em ambientes “exclusivos”. Corridas (principalmente de rua) e natação são modalidades com alto índice de competitividade e grande número de participantes, e a expectativa em relação a resultados e medalhas é grande. No entanto, se por um lado a presença é incompreendida e mesmo criticada, por outro a simples materialização do corpo anunciado heterossexual naquele “espaço sagrado” promove o aparecimento de fantasias sexuais, como tantas vezes se pôde constatar.¹⁰⁰

Outro componente fundamental desse *exclusively gay world* é a questão dos resultados obtidos e da comparação deles com os das modalidades praticadas por heterossexuais. Os/As atletas geralmente sabem se posicionar sobre suas marcas, se são fortes ou fracas, se são expressivas ou não, sempre tomando resultados olímpicos ou de mundiais como comparação. Contudo, não há grande interesse em tornar visíveis tais resultados, seja pelo fato de nem sempre serem expressivos (o que legitimaria o argumento de que, nesses eventos, o importante é participar), seja por estarem à margem do sistema esportivo mundial.¹⁰¹ Além disso e apesar de alguns aportes de patrocínio esporádicos, as competições esportivas LGBT estão totalmente à margem do “mercado global do esporte” e também da lógica de “produção de atletas em massa”.¹⁰²

De outra parte, um argumento contrário à consideração de tais jogos como “guetos esportivos” seria a assistência numerosa e massiva de espectadores em relação a tais eventos:

The Gay Games and Cultural Events have become the best recognized, lesbian/gay amateur sporting competition and multi-day athletic and cultural festival in the world. It is now a mega amateur sporting and cultural event with a multimillion dollar budget, upwards of 15.000 participants and hundreds of thousands of spectators.¹⁰³

Com o estádio Soldier Field inteiramente lotado, em Chicago 2006, realmente poder-se-ia duvidar de que as competições esportivas LGBT não teriam visibilidade, pois, de capacidade para 61.500 assentos, praticamente todos

estavam ocupados. No entanto, não foi o que ocorreu nos dias que se seguiram, pois, passado o *circus-show* da abertura, a semana de disputas seguiu, praticamente, sem público externo. O que foi constatado em Chicago 2006 pode ser reeditado para Copenhague 2009, Colônia 2010 e Vancouver 2011:

As arquibancadas da pista de atletismo do estádio em Oak Park estavam nitidamente vazias, bem como os coletivos de *hockey*, de voleibol, de futebol, de handebol e de basquetebol eram assistidos apenas por outros jogadores de outros times e familiares. Quando fui ver as lutas, os tatames conduziam-nas sem público algum e mesmo sem emoção. No complexo da piscina se revezavam atletas entre a água e a arquibancada.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Diário de campo, em 20 de julho de 2006.

¹⁰⁵ À semelhança das políticas de vizinhança “somente gays” (*gay-only door policies*), destacadas por HUGHES, 2002, que ocorrem em Manchester e em alguns bairros gays pelo mundo, os eventos esportivos não são vetados aos de “fora do meio”, mas quanto mais circunscritos aos “iguais”, melhores, pelo menos esse foi o feeling captado na etnografia realizada. Não por uma questão de preferência, e sim de fatalidade, é o mesmo que ocorre nos Jogos Paraolímpicos.

¹⁰⁶ Ficou patente nas observações etnográficas realizadas junto aos comitês organizadores das competições de Copenhague 2009 e Colônia 2010 que, com a terceirização dos serviços, muitos que trabalhavam na estrutura organizacional não tinham relação direta (e muito menos afetiva ou política) com o movimento LGBT, o que prova que as estruturas organizacionais buscam se “profissionalizar”, independente se isso ocorre a favor ou contra “aqueles que vestem a camisa”.
¹⁰⁷ Segundo HUGHES, 2002, p. 154, “it serves as the expression of sexual and cultural identity and empowerment. It helps create and validate the individual identities of gay men. Gay space is, however, limited and is most frequently found in urban locations”.

O territorializar-se dos jogos, por assim dizer, acaba circunscrito aos semelhantes, sejam esses os próprios participantes ou seus agregados (amigos/as, namorados/as), aos familiares e aos conhecidos/as “simpatizantes da causa” LGBT, os quais acompanham o evento e dão suporte aos competidores. À exceção das cerimônias de abertura e encerramento, as competições são eventos invisíveis para os que não estão, de alguma forma, envolvidos nesse universo.¹⁰⁵

Talvez o que se possa dizer quanto a isso é que assim como a concepção teórica sobre o gueto mudou ao longo do século XX, conforme já demonstrado anteriormente, a concepção de “espaço guetificado” também é outra. Ele ainda se delimita por fronteiras e cercas, talvez atualmente menos visíveis ou identificáveis, mas certamente tão restritivas como outrora. Se, de um lado, tais territórios esportivos são planejados e arquitetados por subjetividades *queer*, de outro, são controlados e deliberados por subjetividades não *queer*.¹⁰⁶ Os sujeitos colocam em cena desejos de materializarem seu espaço (como o *gay space*),¹⁰⁷ nos moldes de um território seguro e protegido de ações externas, com fins de serem aceitos e reverenciados (narcisisticamente), relacionando-se social e sexualmente com outros “iguais”.

A demarcação territorial não ganha contornos tão rígidos quanto os históricos exemplos de guetos étnico-raciais e nem características tão estigmatizadas; no entanto, as competições LGBT simplesmente funcionam em moldes de gueto *stricto sensu*: por uma parte, os participantes se veem liberados do sentido de perseguição e de sentimentos homofóbicos de agressão, violência e resignação desencadeados no sistema esportivo *mainstream* global, reeditando um espaço de autorreferências; e, de outra, o

¹⁰⁸ Aqui talvez valha a pena comentar a não concordância em considerar tais espaços como “zonas liberadas” (free zones), como na proposição de Manuel CASTELLS, 1984. Apesar de serem áreas de livre acesso e mesmo circulação, a característica endógena de gueto é apreciada e sumariamente posta em prática (desejada).

¹⁰⁹ Segundo PRECIADO, 2008, p. 41, tradução livre, “[...] qualquer corpo, humano ou animal, real ou virtual, feminino ou masculino possui essa potência masturbatória, potência de fazer ejacular, potencia gaudendi, portanto, potência produtora de capital fixo [...]”. Além disso, para a autora, “todos esses corpos já funcionam, e de maneira inesgotável, como fontes carnis e numéricas de capital ejaculante” (p. 43, tradução livre).

¹¹⁰ PRECIADO, 2008.

“consentimento” da sociedade complexo moderno-contemporânea ocidental atual é dado tacitamente, pois somente nesse espaço autoconstruído – e dentro de uma concepção global de respeito aos direitos humanos, aceitação da diversidade e tolerância em relação ao outro – a territorialização das práticas esportivas LGBT é veladamente “autorizada”.¹⁰⁸ Como a territorialidade marginal das competições é fortemente vinculada à sexualização dos corpos (seminus nas piscinas, nas pistas, nas quadras e nos tatames) e dos espaços (transas em vestiários, beijos em intervalos, alta frequência às saunas) – e orientada pontualmente para a execução do desejo sexual homoerótico –, para que tal prática se viabilize, ela tem de estar num fórum específico e, se possível, bem distante da cena esportiva da sociedade global heterossexual.

O “espaço esportivo *queer* guetificado”, na esteira da globalização, perde sua fixidez territorial e passa a se deslocar itinerantemente pelo planisfério global, com periodicidade quadrienal, ainda que restrito aos países do norte, mais ricos e desenvolvidos.

A ocorrência das competições LGBT e as expectativas em torno dos “capitais ejaculantes” de corpos, sexos, desejos e sexualidades¹⁰⁹ atrelados ao esporte abre a perspectiva de que ambos os modelos internacionais em vigência (GG e WOG) performatizem “guetos sexualizados”, isto é, espaços territorializados de práticas itinerantes de desejos, na lógica de uma circulação global, de corpos e de capital.

No limite, dão origem a um processo que denominaríamos de “itinerâncias do desejo”, ou seja, os jogos LGBT – bem como as festas (raves e afins), os cruzeiros marítimos e as proliferantes paradas gays – funcionam como um motor propulsor a uma economia capitalista político-sexual,¹¹⁰ de modo que se constroem redes de contato e comunicação, fluxos de corpos e desejos voltados ao fomento da indústria pornográfica estabelecida em escala planetária. Analisar o quão imbricada estaria tal estrutura esportiva com as indústrias dos fármacos e da pornografia, em escala mundial, é temática pertinente para outro momento analítico.

Referências

A CAPA. “Bolívia terá campeonato de vôlei LGBT”. Disponível em: <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=_blank&titulo=Bol%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT>. Acesso em: 25 jul. 2008.

ANDERSON, Eric. *In the Game: Gay Athletes and the Cult of Masculinity*. New York: State University of New York Press, 2005.

- APPADURAI, Arjun. "Disjunção e diferença na economia cultural global". In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 311-327.
- BATTAN, Carrie. "The Beijing Olympics by the Numbers". *Dollars & Sense: Real World Economics*, 2008. Disponível em: <<http://www.dollarsandsense.org/archives/2008/0808battan.html>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- BECKER, Howard. "A Escola de Chicago". *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BELARMINO, Joana. *Associativismo e política: a luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda., 1997.
- BLASIUS, Mark; PHELAN, Shane (Ed.). *We are Everywhere: A Historical Sourcebook of Gay and Lesbian Politics*. New York; London: Routledge, 1995. p. 380-388.
- BOSCH, Heike; BRAUN, Phillip. *Let the Games beGay!* Stuttgart: Gatzanis Verlag, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Braga, Adriana; GASTALDO, Édison. "O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 39, p. 78-84, ago. 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. "Acerca del término queer". In: _____. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 313-339.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. *O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Física Adaptada) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2000.
- CASTELLS, Manuel. "Cultural Identity, Sexual Liberation and Urban Structure: The Gay Community in San Francisco." In: _____. *The City and the Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Moviments*. London: Edward Arnold, 1984. p. 138-170.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. "Histórico das provas – masculino". Disponível em: <http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp>. Acesso em: 27 nov. 2011.
- DAVIDSON, Judy. "The Necessity of Queer Shame for Gay Pride: The Gay Games and Cultural Events." In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London; New York: Routledge, 2006. p. 90-105.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 5.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ENG, Heidi. "Queer Athletes and Queering in Sport." In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, Sexualities and Queer Theory*. London; New York: Routledge, 2006. p. 49-61.
- _____. "Doing Sexuality in Sport". *Journal of Homosexuality*, v. 54, n. 1/2, p. 103-123, 2008.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FEDERATION OF GAY GAMES. Disponível em: <<http://www.gaygames.com/>>. Acesso em: 15 jun. 2011a.
- FEDERATION OF GAY GAMES. "Mission, Vision, and Values." Disponível em: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>>. Acesso em: 20 ago. 2011b.
- GASTALDO, Édison. "Ritualizações da nacionalidade entre torcedores da Copa do Mundo: notas etnográficas". In: 31º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu, MG, 22-26 out. 2007. p. 1-20.
- GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- GRIFFIN, Pat. *Strong Women, Deep Closets: Lesbian and Homophobia in Sport*. Massachusetts: Human Kinetics, 1998.
- HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad femenina*. Madrid: Editorial Egalés, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HANNERZ, Ulf. "Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional". *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUGHES, Howard. "Marketing Gay Tourism in Manchester: New Market for Urban Tourism or Destruction of 'Gay Space'?" *Journal of Vacation Marketing*, v. 9, n. 2, p. 152-163, 2002.
- KEARNY, Michel. "The Local and the Global: The Anthropology of Globalization and Transnationalism". *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 547-565, 1995.
- KIMMEL, Michel. "Introduction – 'So Many Men, So Little Time': Toward a Sociology of LEVINE the Gay Male Clone." In: LEVINE, Martin. *Gay Macho: The Life and Death of Homosexual Clone*. New York: New York University Press, 1998. p. 3-9.

- KRISTEVA, Julia. "Approaching Abjection." In: _____. *The Powers of Horror: An Essay on Abjection*. New York: Columbia University Press, 1982. p. 1-30. Disponível em: <[http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror\[1\].pdf](http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art206/readings/kristeva%20-%20powers%20of%20horror[1].pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- LEVINE, Martin. "'Y.M.C.A.': The Social Organization of Gay Male Life." In: _____. *Gay Macho: The Life and Death of Homosexual Clone*. New York: New York University Press, 1998. p. 30-54.
- LEWIN, Ellen; LEAP, William (Ed.). *Out in the Field: Reflections of Lesbian and Gay Anthropologists*. Chicago: University of Illinois, 1996.
- LYOARTD, Jean-Françoise. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MACRAE, Edward. "Em defesa do gueto". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 291-308.
- MAGNANI, José Guilherme. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.
- MARCUS, George. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography." *Annual Review Anthropology*, v. 24, p. 95-117, 1995.
- MARSIAJ, Juan Pereira. "Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil". *Cadernos AEL*, Campinas: Unicamp, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003. Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas.
- MENDOZA, Edgar. "Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)". *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n. 14, p. 440-470, jun./dez. 2005.
- MISKOLCI, Richard. "O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet". *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.
- PARK, Robert Ezra. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 13-28.
- PERLONGHER, Néstor. "Territórios marginais". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 266-290.
- _____. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

- PRONGER, Brian. "Sex and Sport." In: PRONGER, Brian. *The Arena of Masculinity: Sports, Homosexuality, and the Meaning of Sex*. New York: St Martin's Press, 1990. p. 177-213.
- RIAL, Carmen Silvia de Moraes. "Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior". *Revista Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "A condição da transnacionalidade". In: _____. *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: UnB, 2000. p. 93-129.
- RITCHIE, Brent; SHIPWAY, Richerd; CLEEVE, Bethany. "Resident Perceptions of Mega-Sporting Events: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games." *Journal of Sport & Tourism*, n. 14, p. 143-167, 2009.
- SCANORAMA. "Come Out and Fight!" v. único, n. 6, p. 14, June 2009.
- SCHEU?, Christian; SCHULZE, Micha. *Gay Online Dating: Das ultimative Handbuch fürs schwule Chatten Verabreden und Bloggen*. Berlin: Bruno Gmünder, 2005.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.
- SILVA, José Fábio Barbosa da. "Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário (1958)". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 40-212.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. "Do 'gueto' ao mercado". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 309-336.
- SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. "Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje". In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 481-504.
- TRINDADE, Ronaldo. "Fábio Barbosa da Silva e o mundo acadêmico de sua época". In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 241-262.
- WACQUANT, Loïc. "O que é gueto? Construindo um conceito sociológico". *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n. 23, p. 155-164, nov. 2004.
- _____. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- WADDELL, Tom; SCHAAP, Dick. *Gay Olympian: The Life and Death of Dr. Tom Waddell*. New York: Alfred A. Knopf, 1996.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

- WIRTH, Louis. "The Ghetto." In: _____. *On Cities and Social Life: Selected Papers*. Chicago: University of Chicago Press, 1969.
- WITTMAN, Carl. "A Gay Manifesto." In: BLASIUS, Mark; PHELAN, Shane (Ed.). *We are Everywhere: A Historical Sourcebook of Gay and Lesbian Politics*. New York; London: Routledge, 1995. p. 380-388.
- WORLD OUTGAMES COPENHAGEN. "Country Statistics." 2009. Disponível em <<http://www.copenhagen2009.org/Info/Countries.aspx>>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- WORLD OUTGAMES MONTREAL. "The Games in Short." 2006. Disponível em: <http://montreal2006.info/en_the_games_in_short.html>. Acesso em: 15 jun. 2011.

[Recebido em 19 de julho de 2010
e aceito para publicação em 18 de setembro de 2011]

LGBT World Championships: Sexualized Ghettos in Global Scale?

Abstract: *Ghettos are marginal territories, in which ethnic, religious, social and sexual minorities were encapsulated and segregated throughout History. Crossed by flows and tensions on movement in the global landscape, such spaces should be reanalyzed under a global perspective. Aiming to reflect on marginal territories of gender linked to LGBT sports events, this article has tried to re-think the concept of the ghetto from the "Chicago School", and analyze it according to new lenses, applied to two global and specific LGBT world championships (Gay Games and World OutGames). It was noticed that the occurrence of them and the expectations around "possibilities of ejaculation" of bodies, genders, sexualities, and desires, connected to the sports' world itself, open up the perspective that such events will perform a kind of "sexualized ghettos", i.e., territorialized spaces from sexual desires' practices, in the logic of a global circulation of desires, bodies and capitals.*

Key Words: *Sexualized Ghettos; LGBT World Championships; Globalization; Circulation of Desires.*